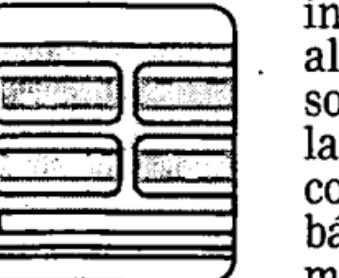


Subsecretaria: projeto não foi cumprido

A subsecretaria para programas especiais do estado, Tatiana Memória, sustenta que o Ciep é a saída para o ensino público. Embora o projeto só tenha sido implantado no estado há menos de dois anos — até então os “brizolões” estavam inacabados ou desviados para outras funções — segundo ela os



índices de aproveitamento dos alunos mostraram uma elevação sobre o das escolas da rede regular. Atualmente, a rede estadual conta com 324 Cieps de ensino básico e mais 58 de ensino suplementar, chamados de ginásios públicos, onde é possível optar pelo regime de turnos. Tatiana afirma que as 105 unidades municipais tiveram seus esquemas de trabalho alterados, o que dificulta a avaliação do projeto. Os Cieps estaduais funcionam

com uma carga de quatro horas diárias de aulas normais, além de práticas educativas — estudo dirigido, artes cênicas, educação física, artes plásticas, biblioteca e oficinas. É o caso do Ciep Willy Brandt, em São Gonçalo, aberto em dezembro de 92, onde os alunos também recebem noções de higiene e cidadania.

— O projeto é ótimo e não tem comparação entre o trabalho do município e o que vem sendo

realizado desde 92, no estado. As unidades do Rio funcionam como escolas regulares em “brizolões”, mas não são Cieps. As de turno único são depósitos de crianças, que só têm aulas num período do dia e passam o restante brincando, sem orientação pedagógica. Ou seja, não houve aproveitamento do projeto no Município do Rio.

61

parte dele, fosse abandonado, diz a secretária municipal de Educação, Regina de Assis.

— A proposta do programa especial de ensino é muito importante, mas tem alguns pontos conflitantes, que estamos tentando resolver desde o fim do ano passado, como a fundamentação teórica dos professores na parte pedagógica, para que os alunos possam ser avaliados corretamente, e o sistema de aprovação automática. Também estudamos

a diversificação das atividades para que alunos de regiões distintas obtenham os mesmos índices de aprendizagem.

Regina diz que não há mais diferenças entre os métodos de ensino, o que não traz nenhum prejuízo para os alunos matriculados em “brizolões”. Ao contrário, em língua portuguesa, por exemplo, as escolas e os Cieps municipais conseguiram atingir a média padrão do país.

62